

Professores de castigo na escola?

Começo por uma história que se passou comigo há vários anos atrás. Estive nos Estados Unidos, de visita a escolas que tinham práticas inovadoras de inclusão de alunos com dificuldades de seguir o programa regular quer fosse por questões sócio-económicas quer fosse por questões de dificuldades atribuídas ao seu próprio processo de desenvolvimento. Combinei com o director de uma dessas escolas encontrar-me com os professores num determinado dia. O problema foi que não consegui encontrar uma ligação de transportes que me levasse à escola no dia marcado. Apareci na escola no dia seguinte na minha perspectiva para, pelo menos, dar uma explicação presencial para a minha ausência no dia anterior. O director da escola estava bem disposto e não pareceu dar muita importância ao facto de não ter aparecido no dia anterior. Bem humorado e brincando com o sistema de transportes públicos americanos disse-me "Então quando é que quer falar de novo com os nossos professores?". De repente lembrei-me do carácter dramático que esta pergunta teria se feita numa escola portuguesa. "Quando é que vamos poder reunir de novo todos os professores da escola? Para o mês que vem?". Prudentemente perguntei "Quando é que pode ser?". O director disse "Talvez ainda hoje mas certamente amanhã ou depois". Perante o meu olhar de incredulidade face a tantas facilidades ele explicou: "Desde há dois anos, quando decidimos desenvolver um programa de melhoria da escola no sentido da Inclusão, acordamos com os professores que para além das horas presenciais por semana que têm com os alunos (que nesta escola era de 30 horas semanais) ficariam na escola uma hora ao fim do dia para realizar reuniões de coordenação, encontro com os encarregados de educação, preparação de projectos de ligação à comunidade, etc.?"

A polémica que tem existido sobre a permanência obrigatória de professores na escola em horário não lectivo tem tido contornos que incidem sobre a própria natureza da função docente. É com o respeito que este debate merece que pretendo dar a minha contribuição.

Antes de mais parece inevitável que uma medida como esta que surge escassamente preparada e divulgada em cima do início do ano lectivo cria confusões e "ruídos" perfeitamente escusados. Uma vez mais, é preciso que os responsáveis ministeriais não tenham medo dos professores e os respeitem como profissionais. Uma medida deste tipo deveria ter sido previamente anunciada, estudada na sua generalidade e na sua especificidade em relação a cada escola. A discussão não seria se é possível mas de como os professores pensam que é possível. Esta falta de colegialidade com os professores originou situações perversas: há responsáveis da administração educativa a "distribuir serviço" não lectivo aos professores e existem mesmo suspeitas de "ajustes de contas" nestas distribuições que aparecem como algo estranho à realidade da escola e imposto aos professores. Assim, cabe antes de mais atribuir responsabilidades à forma como os responsáveis educativos desenvolveram esta medida criando fortes anti-corpos nos professores.

Estes anti corpos geraram, por sua vez, verdadeiras patologias na argumentação dos professores. Os professores tendo sido tratados como irresponsáveis responderam ao tratamento infantilizando-se e começaram a falar em "ficar de castigo" na escola, "encher chouriços", "falta de condições da escola", "entreter meninos", etc. Não podemos ignorar que há questões que não são fáceis de resolver. As escolas do primeiro ciclo têm problemas necessariamente diferentes de outros níveis de ensino, escolas rurais e urbanas terão também problemas diferentes e que deveriam ter sido antecipados. Mas a questão essencial parece ser "É importante que os professores passem mais tempo na escola em actividades que permitam melhorar a sua qualidade?". Parece indubitável que sim e por isso é preciso pensar no "Como?". Quando se fala da escola como uma comunidade de aprendizagem podemos perguntar "Se os professores estão na escola predominantemente para dar aulas quem é que desenvolve a escola como comunidade de aprendizagem?". Quando um professor diz que "está de castigo na escola" e que está a "encher chouriços" ou que não pode dar uma aula de substituição se não for da mesma área disciplinar e sem saber em que ponto o programa vão os alunos, não estará a dar uma pobre imagem do que considera ser a sua profissão? Então um professor em frente a um grupo de alunos da sua escola não sabe fazer mais nada senão "encher chouriços"?

Dramaticamente um professor dizia-me que agora em lugar de ir para casa tratar dos seus filhos tem de ficar na escola a educar os filhos dos outros. Oh meu amigo, já tinha reparado que essa é a sua profissão? Educar os filhos dos outros? Na minha perspectiva é essencial que a escola se desenvolva e se fortaleça como instituição para poder responder com maior qualidade às necessidades de todos os seus alunos. A maior presença de professores na escola pode e deve contribuir para este fortalecimento da qualidade da escola e para dar espaço a que se tratem tantos dos males que à boca pequena os professores se queixam: "falta de planeamento", "pouco contacto com pais", "ausência de trabalho de equipa", "pouca ligação à comunidade", etc.

Vamos falar com professores adultos e que são tratados como adultos?